

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL
CURSO SERVIÇO SOCIAL

DANDARA MANOELA DOS SANTOS

Retrato Falado e a mulher negra no Brasil: Uma reflexão sobre a relação entre o singular e o universal.

Florianópolis

2019

DANDARA MANOELA DOS SANTOS

Retrato Falado e a mulher negra no Brasil: Uma reflexão sobre a relação entre o singular e o universal.

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Serviço Social do Centro sócio econômico da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Título de Bacharel/Licenciado em Serviço Social.
Orientador: Profa. Dra. Cristiane Luiza Sabino de Souza.

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

dos Santos, Dandara Manoela

Retrato Falado e a mulher negra no Brasil : Uma
reflexão sobre a relação entre o singular e o universal. /
Dandara Manoela dos Santos ; orientadora, Cristiane Luiza
Sabino de Souza, 2019.

51 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio
Econômico, Graduação em Serviço Social, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Serviço Social. 2. Mulher Negra. 3. Raça, Gênero,
Classe. 4. Retrato Falado. I. Sabino de Souza, Cristiane
Luiza . II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Serviço Social. III. Título.

DANDARA MANOELA DOS SANTOS

Retrato Falado e a mulher negra no Brasil: Uma reflexão sobre a relação entre o singular e o universal.

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Assistente Social e aprovado em sua forma final pelo Curso.

Florianópolis, 18 de dezembro de 2019.

Prof.^a Dr.^a Dilceane Carraro
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Cristiane L. Sabino de Souza
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Beatriz Augusto de Paiva
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Clara Martins do Nascimento
Universidade de Pernambuco

Este trabalho é dedicado a todas as mulheres negras, mas principalmente, as que fizeram de tudo para que eu estivesse aqui: Delba Martins Santos, Deborah dos Santos, Elisângela de Paula Pereira e Fátima Aparecida Pereira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda minha família, em especial, minha avó Delba (in memória), por toda sua dedicação na minha criação e por fazer transbordar o significado de amor. A minha tia Deborah (Tata), que decidiu me adotar e que fez e faz de tudo para que nada nunca me falte. A pessoa que sei que posso sempre contar nessa vida, minha mãe, Elisângela, por ser tão guerreira e ter dado nó em todos os becos que a vida a tentou colocar, você me inspira. E também minha avó Fátima, que é ponto de partida fundante do meu disco e desse TCC que, mesmo sem saber, me fez despertar para essa sociedade. Mulheres negras que formam esse retrato, vocês são minhas maiores referências, e tudo que sou e tenho, dedico a vocês. Também agradeço meus irmãos: Taynara, Kauê, Juninho, Caio e Lucas por existirem e darem mais alegria e força para seguir lutando na vida. Agradeço ao meu pai Aminadab, e todos meus primos(as), em especial Fernando, Camila, Érica, Kallel, Izac, que, mesmo com a distância, sempre fizeram valer pra mim o significado de amor. Agradeço também minhas referências acadêmicas: Joana Célia dos Passos, obrigada por tão cedo ter confiado em mim, por me ajudar a confiar em mim. Cauane Maia, por subverter o retrato esperado para uma mulher preta nessa sociedade e por sempre mover estruturas toda vez que faz uma fala. Cristiane Luiza Sabino de Souza, obrigada por fazer desse momento possível e por me fazer me sentir verdadeiramente acolhida, desde a primeira orientação.

Agradeço de todo meu coração, minha companheira de vida, amiga, esposa e namorada, Renata Schlickmann, por me apoiar em tudo que eu faço, me dar suporte, segurança, amor e literalmente botar a mão na massa e fazer acontecer comigo, por topar construir uma nova história lado a lado e por me presentear com uma família linda, Fernando, Eugênia, Fernanda, Zuca e Tuça, amo vocês.

Agradeço a primeira amiga que conheci no Serviço Social, Ingrid Maria, que presente te encontrar, minha eterna *best*, por todas as alegrias que você me possibilitou dentro dessa universidade e fora dela. Agradeço a Marissol Mwaba, por ser referência de mulher preta em tantos campos da vida, por ser minha grande amiga de todas as horas e por ter topado cuidar com unhas e dentes desse nosso afeto. Bruna Barreto, você é o futuro, obrigada por me dar moral, apoio, carinho. Por ser minha filhota de coração e irmã, por ser família, sempre estarei aqui pra você. Sarah Massí, por toda alegria, energia, amor. Por ter me ensinado tanto nos últimos anos, sobre acreditar, ter fé e fazer acontecer, por ter me convocado a ser parte das

Cores de Aidê, por ser realizadora, sócia, parceira da vida e principalmente, minha grande amiga. Agradeço as integrantes da banda mais incrível desse Brasil, Bê Sodré, Cauane Maia, Carla Luz, Cris Fernandes, Fernanda Jerônimo, Laila Dominique, Luana Nascimento, Nattana Marques, Nine Martins e Sarah Massí, pela nossa vivência, ensinamentos e parceria. Também agradeço os integrantes das bandas do meu projeto solo, Cris Ubrother, Mateus Romero, Jeff Nefferkturu, Marcelo Santhu, Matheus Crippa, Otis Selemane, Adriel Job, Diogo Nazareth, obrigada por abraçarem com tanto carinho esse Retrato, eu amo vocês.

E essa tal liberdade, onde é que anda, onde é que vai?
Pela minha janela vejo que o meu povo é o primeiro que cai
É que agora mudamos, deixa de papo, é pura ilusão
Acabou o racismo, quer conferir liga a televisão
[...] É choro perdido, é tiro encontrado, é corpo no chão
Todo mundo assustado e parece que foi só uma confusão
E se não acredita e quer conferir,
desligue a televisão e vai lá pra janela
pra sua janela, olha que situação

Dona Georgina - Dandara Manoela, 2018.

RESUMO

Falar de mulheres negras é falar de uma infinidade de atravessamentos que constituem seus cotidianos, suas vidas. A música Retrato Falado de Dandara Manoela conta a história de sua bisavó, sua avó e sua mãe, até chegar na história dela. Todas essas mulheres são negras e seus caminhos estão cruzados, mas ao olhar a sociedade brasileira como um todo, é possível perceber que essas histórias compõem contradições sociais de classe, raça e gênero que se repetem na maioria da vida das mulheres negras do país. Nesse sentido, este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo elaborar mediações teórico-reflexivas sobre as contradições sociais - de classe, raça e gênero - na sociedade brasileira a partir da música Retrato Falado e buscando mediações teóricas a partir da pesquisa bibliográfica com referência em de autoras/es que abordam a temática da questão racial e, particularmente, sobre a situação da mulher negra no Brasil. O resultado foi a confirmação de que a estrutura racista em que o Brasil foi constituído e que permanece em pleno desenvolvimento, contribui para que a história se repita ainda hoje, mantendo a maioria das mulheres negras em lugares de subordinação e solidão, mas que essas mesmas mulheres continuam resistindo e subvertendo esse processo.

Palavras-chave: Mulher negra; Classe; Raça; Gênero; Retrato Falado.

ABSTRACT

To talk about black women is to talk about several aspects that constitute their day-by-day, their lives. The song "Retrato Falado" by Dandara Manoela tells the story of her great grandmother, her grandmother and her mother, until it comes to her own story. All these women are black and their paths are crossed, but as we look at the Brazilian society, it is noticeable that these stories are made of social class, race and gender contradictions, that repeat in the lives of most black women in the country. Therefore, this completion of course work has the goal to elaborate theoretical-reflexive discussions about the social class, race and gender contradictions in Brazilian society through the song "Retrato Falado", and to look for theoretical mediations from the bibliographic research with the reference of authors that bring the racial thematic, particularly about black women's situation in Brazil. The result was the confirmation that the racist structure in which Brazil was constituted in, and that remains in its full development, contributes for the story to repeat within today, keeping most black women in places of subjection and solitude, and even so, still resisting and subverting this process.

Key words: Black woman; Class; Race; Gender; Retrato Falado.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Infográfico referente a habitação e saneamento segundo sexo e raça/cor (2009).....	21
Figura 2 - Infográfico de distribuição de renda segundo sexo e raça/cor (2009).....	23
Figura 3 - Gráfico sobre a taxa de homicídios de negros e não negros no Brasil (2007-2017).....	36
Figura 4 - Infográfico referente a desemprego segundo sexo e raça (2009).....	40
Figura 5 - Gráfico referente à porcentagem de trabalhadoras domésticas com carteira de trabalho assinada segundo raça/cor (1996-2007).....	41

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	PRÉ RETRATO: CONTEXTO DA ESTRUTURA RACIAL NO BRASIL.....	17
3	RETRATO FALADO: VOZ E IMAGEM EM MOVIMENTO.....	28
3.1	O RETRATO DA VIOLÊNCIA	31
3.2	O RETRATO DA SOLIDÃO.....	37
3.3	O RETRATO DA LOUCURA	41
3.4	O RETRATO DA LUTA E DA RESISTÊNCIA	44
4	CONCLUSÃO.....	47
	REFERÊNCIAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

Este tema de pesquisa foi escolhido na intenção de reunir minhas motivações acadêmicas e artístico/musicais. Além de estudante de serviço social, sou cantora e compositora. Como mulher negra, periférica, pelas vivências que tive, por muito tempo pensei que a universidade pública era um plano distante da minha realidade, com autoestima intelectual sempre baixa, acreditei ser algo que não fosse possível alcançar, ao menos nessa vida, uma vontade reprimida e quase conformada com esse não lugar. A música sempre pareceu ser um espaço liberado para se sonhar, onde meu corpo e minha voz poderiam passear, lugar mais comum de encontrar representatividade, um lugar não proibido, aliás, até uma forma mais 'simples' de se pensar uma preta bem-sucedida, porém, ainda assim, o lugar da exceção, ou seja, não menos difícil na prática. A partir de um financiamento coletivo - que se materializa como uma "vaquinha" dentro de um site, onde as pessoas podem contribuir com valores variados e colaborar com projetos autônomos em andamento - levantei o orçamento necessário para gravação do meu primeiro CD.

A princípio resisti muito à iniciativa do financiamento coletivo, por parecer um tiro incerto, por medo de não chegar lá, ou por estabelecer a forte dependência que tem uma artista independente. Mas, muito logo, com apoio de pessoas que convivo, pude perceber que era possível. Canto e sou ouvida, e querer materializar isso seria estender e atravessar limites impostos, quebrar e romper barreiras. Retrato Falado, é um CD todo autoral, onde eu falo sobre ser mulher negra, das nossas próprias vivências, sobre cantar/falar, estender e atravessar limites impostos pela sociedade, num trato vestido de canção, utilizando da música e dos palcos para trazer reflexões políticas e denúncias urgentes.

Nas composições faço denúncia das desigualdades e opressões, canto as expressões da questão social e, não tarde, busco um diploma para legitimar. A conexão que faço com o Serviço social é pela abertura que encontrei dentro desse muro rígido que se faz a academia para questionar as mazelas da sociedade. Onde questionar, movimentar, pensar criticamente é tarefa acadêmica/profissional que levo para vida.

Vejo a arte, principalmente a música, com uma potência transformadora em muitos aspectos. Tanto na sua execução direta, no que se refere ao ensino e aprendizado da música, quanto no impacto que ela tem na sociedade, como

representação de uma cultura, desabafo, expressão do que se pensa, ou do que se vive em determinados espaços, denúncia e intervenção, que tem suas potências e contradições.

Compreendendo o Serviço Social, segundo o apontado pelo Conselho Regional do Serviço Social do Rio de Janeiro, CRESS/RJ, como uma profissão crítica de caráter sociopolítico, que se propõe intervir nas múltiplas formas em que expressam as questões sociais, em áreas diversas que têm vínculo social direto na vida humana, como a educação, a justiça, a saúde, a habitação, a previdência e o lazer. É pertinente, portanto, considerar os impactos que a arte, nesse caso especificamente a música, tem nos desdobramentos da sociedade, visto que “[...] a possibilidade de emancipação e humanização inerentes a arte pode oferecer aos sujeitos condições para criticar a situação vivida e redimensioná-la”. (CONCEIÇÃO, 2010, p.51).

Sendo assim, nesse trabalho vou usar a música que nomeia meu primeiro CD, Retrato Falado (composição autoral), música que traz conceitos pungentes nas expressões da questão social como: Racismo, violência doméstica, violência policial, aborto, machismo, patriarcado, violência de gênero, classe, abuso de poder, desamor. Entre tantas músicas possíveis e até bem mais populares e conhecidas que eu poderia usar como base de análise para esse trabalho, decidi como ponto de partida para desenvolvimento da pesquisa usar uma música de minha autoria, usar o meu retrato, usar uma música que conta a minha história.

Tudo isso, sobre uma história que se apresenta na minha vida cotidiana como uma história singular, demarcada por minhas próprias vivências e a das mulheres da minha família. Entretanto, o movimento de questionar a experiência própria, buscando mediações e referências para além delas mesmas, ampliando a visão para a dinâmica das relações - complexas e contraditórias - que circundam esta vivência, permite uma outra apreensão desta realidade, na qual a experiência própria se mostra como experiência histórica e socialmente construída.

O objetivo deste trabalho é, portanto, elaborar mediações teórico-reflexivas sobre as contradições sociais - de classe, raça e gênero - na sociedade brasileira, com foco na mulher negra, a partir da música Retrato Falado, de modo a trazer mediações que possibilitem explicitar a relação fundamental entre o singular e o universal - minha experiência como mulher negra na sociedade brasileira e a realidade da mulher negra nesta sociedade.

Este trabalho sintetiza, deste modo, um o salto ontológico¹ possibilitado pela formação teórica e política adquirida tanto pela graduação no curso de serviço social, quanto pelo desenvolvimento artístico construído a partir da escuta e estudo da música enquanto ferramenta de transformação.

É sabido que, historicamente, a arte é utilizada pelo povo negro em várias culturas distintas como forma de expressão, denúncia e também de forma estratégica política de resistência, como o jongo, o samba, funk, rap, *samba-reggae* (BRAZ, 2013).

É a síntese, portanto, da trajetória de transformação intelectual e política de uma estudante que quando entrou no curso de serviço social utilizava da composição musical como uma forma política de se expressar, forma de desabafo da sua história particular, para uma estudante que sai com uma perspectiva que permite apreender a sociedade e as relações sociais como uma totalidade.

Assim, o que aparecia como próprio passa a ser evidenciado como coletivo, produto não dos azares e incompetências individuais, mas sim da dinâmica contraditória de uma sociedade fundada na dominação e na exploração, na qual a desigualdade se assenta no racismo, no patriarcado e na luta de classes. Lélia Gonzalez aponta que:

[...] enquanto mulher negra, sentimos a necessidade de aprofundar nessa reflexão, ao invés de continuarmos na reprodução e repetição dos modelos que nos eram oferecidos pelo esforço de investigação das ciências sociais. Os textos só nos falavam da mulher negra numa perspectiva sócio-econômica que elucidava uma série de problemas propostos pelas relações raciais. Mas ficava (e ficará) sem um resto que desafiava as explicações. E isso começou a nos incomodar. Exatamente a partir das noções de mulata, doméstica e mãe preta que estavam ali, nos martelando com sua insistência. (GONZALEZ, 1984, p. 22).

Para responder aos intentos do trabalho, o objetivo geral proposto foi: Elaborar mediações teórico-reflexivas sobre as contradições sociais - de classe, raça e gênero - na sociedade brasileira a partir da música Retrato Falado. Buscando especificamente: estudar e sistematizar os elementos fundamentais da formação social brasileira com vistas a apreender a dinâmica constitutiva das relações sociais e suas contradições, focado na questão racial; analisar a letra da música Retrato Falado

¹ Analogia ao sentido dado por Lukács (2013) ao dissertar sobre o surgimento do ser social.

de modo a trazer mediações teóricas que possibilitem refletir sobre as contradições abordadas na composição. Sistematizar a reflexão sobre o processo de formação acadêmica e artística para evidenciar as transformações.

A síntese final do trabalho está estruturada, além desta introdução, a partir dos seguintes itens: 1) uma breve exposição sobre os elementos fundamentais da formação social brasileira com vistas a explicitar a dinâmica constitutiva das relações sociais e suas contradições; 2) análise da letra da música Retrato Falado, à luz das mediações teóricas de referência e dados da realidade empírica, realizando uma reflexão sobre as contradições abordadas na composição; e 3) conclusão.

O aporte metodológico deste trabalho de conclusão de curso baseia-se em uma abordagem de pesquisa qualitativa visto que

[...] não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria.

[...] A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 31-32)

O procedimento técnico, por sua vez, foi a pesquisa bibliográfica pois, realiza levantamento e análise de “[...] referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 37), dentre as quais pode-se destacar referências teóricas que abordam a temática da questão racial/racismo no Brasil e, particularmente, a situação das mulheres negras. A partir destas referências foi realizada uma análise de discurso da música Retrato Falado, entendendo que “[...] a linguagem vai além do texto, trazendo sentidos pré-construídos que são ecos da memória do dizer” (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 681). Nessa pesquisa foi dada a prioridade ao estudo de autoras negras, como Lélia Gonzalez, Bell Hooks, Angela Davis.

2 PRÉ RETRATO: CONTEXTO DA ESTRUTURA RACIAL NO BRASIL

É importante iniciar contextualizando como se estrutura o racismo na sociedade brasileira. Para isso, utilizamos como referência, o sociólogo Clóvis Moura (1983) que discute a relação intrínseca entre escravismo, colonialismo, imperialismo e racismo. De acordo com Moura (1983), a racialização, que hierarquizou povos distintos de diversas partes do mundo, inferiorizando aqueles denominados pelos colonizadores como negros e índios, serviu de justificativa ideológica para a subordinação dos territórios e a exploração das suas gentes no escravismo colonial e estruturou a sociedade brasileira no Brasil no pós-abolição, que foi quando as pessoas negras passaram a fazer parte da sociedade enquanto “cidadãs”, já que antes eram tidas como coisa.

De acordo com Sílvio Luiz de Almeida (2018), o racismo é estrutural, o que significa que não é um fenômeno conjuntural, uma anomalia ou patologia como costuma se reivindicar. O racismo é uma forma de racionalidade, de normalização, de assimilação das relações, das ações conscientes e subconscientes (ALMEIDA, 2018).

Dialogando com autores como Frantz Fanon, Clóvis Moura e Sílvio Almeida, Souza (2019) destaca que a normalidade da sociedade burguesa produz e reproduz as condições de desigualdade, das quais desencadeiam múltiplas determinações que se desdobram nas diversas formas de violência. O racismo estrutura a totalidade das relações sociais nesta sociedade e, para entender a sua dinâmica é preciso questionarmos a sua vinculação com a dimensão econômica, política e cultural da sociedade.

De acordo com CLR James (2010), o escravismo nas Américas respondeu às necessidades de expansão das classes dominantes europeias e se assentou sobre uma larga destruição do campesinato dominante no território africano, e por vezes, mais desenvolvido que o da Europa. – com a destruição da vida tribal, – deu-se instalação da barbárie, com o sequestro, a fome e toda forma de violência e ferocidade, “a caça a peles negras”. O tráfico dos negros escravizados se dava através do transporte marítimo, que em péssimas condições - um metro quadrado para cada escravizado, levava o nome de navio negreiro, definido por James (2010), como o lugar mais miserável do mundo. Num processo contínuo durante os quatrocentos anos de escravidão, a população negra escravizada era vendida como mercadoria.

De acordo com James (2010), uma vez vendidos como uma mercadoria qualquer para os colonialistas americanos, os escravizados foram obrigados a trabalhar de sol a sol – homens e mulheres de diferentes idades – com repressão e vigilância constante, vivendo em péssimas condições de alimentação e moradia.

Os escravos recebiam o chicote com mais regularidade e certeza do que recebiam a comida. Era o incentivo para o trabalho e o zelador da disciplina. Mas não havia engenho que o medo ou uma imaginação depravada não pudesse conceber para romper o ânimo dos escravos e satisfazer a luxúria e ressentimento de seus proprietários e guardiães: ferros nas mãos e nos pés; blocos de madeira, que os escravos tinham de arrastar por onde quer que fossem; a máscara de folha de lata, projetada para evitar que eles comessem a cana-de-açúcar, e o colar de ferro. O açoite era interrompido para esfregar um pedaço de madeira em brasa no traseiro da vítima; sal, pimenta e cidra, carvão, aloé e cinzas quentes eram deitadas nas feridas abertas. As mutilações eram comuns: membros, orelhas e, algumas vezes, as partes pudendas para despojá-los dos prazeres aos quais eles poderiam se entregar sem custo. Seus senhores derramavam cera quente em seus braços, mãos e ombros, despejavam o caldo fervente da cana nas suas cabeças; queimavam-nos vivos; assavam-nos em fogo brando; enchiam-nos de pólvora e os explodiam com uma mecha; enterravam-nos até o pescoço e lambuzavam as suas cabeças com açúcar para as moscas as devorassem; amarravam-nos nas proximidades de ninhos de formigas ou de vespas; faziam-nos comer os próprios excrementos, beber a própria urina e lamber a saliva dos outros escravos. (JAMES, 2010, p. 26-27).

Além das péssimas condições de trabalho e vida, os escravizados sofriam punições e todo tipo de tortura de controle e repressão. O autor coloca que é impossível verificar se seriam essas ações meros incidentes ou uma prática habitual dos colonialistas, mas o fato é que, independentemente dessa verificação, existem evidências que confirmam que essas práticas truculentas por parte do colonizador eram características normais na vida do escravizado. Esse questionamento aparece quando ideólogos, num ato de vergonha pelo passado, buscam ocultar e minimizar o terror da escravidão, defendendo que essas seriam práticas pontuais, fechando os olhos para realidade, o que se aproxima muito dos dias atuais quando o Estado defende a existência de uma democracia racial, que ainda é inexistente.

Num processo de alienação colonial, os escravizados iam se adaptando ao embrutecimento, violência e bestialidade, e executavam ações de crimes contra os proprietários e até mesmo seus próprios companheiros. Outro fato decorrente do processo escravagista é referente a intelectualidade dos escravizados que é

bloqueada pela impossibilidade de acessar qualquer tipo de educação, o que gera reflexos até os dias atuais, quando para a população negra estão reservados trabalhos braçais e existe pouco incentivo - até a política de cotas, conquistada pelo movimento negro - para que ocupemos os espaços educacionais. Entretanto, subvertendo as expectativas, a inteligência e humanidade dos negros escravizados, apesar do sistema de dominação, persistiam, o que assustava os colonialistas. Cultos e cantos que muitas vezes eram centros estratégicos para comunicação e fugas, evidenciam a persistência de sua vontade de liberdade. (JAMES, 2010)

Nesse período, nem todos os escravizados eram vistos e tratados da mesma forma, existia uma espécie de divisão social do trabalho e um sistema de diferenciação entre eles: Os escravos domésticos e os escravos do eito. Alguns dos escravos “domésticos” eram apegados aos senhores e servis, e outros aproveitavam a posição para se instruírem. Já os escravos do eito, eram aqueles que ficavam com os trabalhos mais pesados, tinham os piores tratamentos e alimentação. Entretanto, o número de escravos domésticos, comparado aos de eito, era infinitamente pequeno, a maioria de escravos tinha uma vida penosa, e não a aceitando, fugiam criando-se assim, os Quilombos. As fortificações quilombolas eram o terror dos colonialistas, pois atraía os escravos do eito, além de saquear as cidades (JAMES, 2010). Nesse sentido, o autor, assim como Clóvis Moura, vai destacar a resistência do povo negro como parte fundamental do processo que vai dinamizar as contradições da sociedade escravista.

De acordo com Moura (1983), o processo de “libertação” foi consolidado com a mobilização e resistência da população negra escravizada, ações que foram fundamentais para mudanças sociais, como a própria abolição. Entretanto, os projetos políticos que resultaram do processo de abolição culminaram no isolamento político, econômico e social da população negra na sociedade brasileira, já que os governantes se viram pressionados a pensar num novo modelo de sociedade, para o qual, segundo as ideologias racistas da época, o negro e o índio não poderiam contribuir, dada a sua “inferioridade”.

A racialização continuou operando de modo a tornar o negro um “cidadão de segunda classe” e a política de branqueamento, iniciada antes mesmo da abolição, é uma das expressões do seu movimento na estruturação da sociedade. Ademais, ao longo de todo o processo, por medo de uma revolução nos moldes da ocorrida no Haiti, foram pensadas diversas formas de realizar um apagamento social do povo preto, o que teve continuidade ao longo da formação da sociedade livre, posto que a

população negra, imersa nas piores expressões da desigualdade, permanece sendo vista como um inimigo social (JAMES, 2010).

No momento de transição do processo escravista para o capitalismo independente foram geradas várias medidas que tiveram incidência direta na imobilização do negro no mercado de trabalho e também nas suas condições econômico, sociais e de moradia. A ausência de condições materiais e morais na sociedade “livre” perpetua, basicamente, mesmo espaço social que o negro ocupava na escravidão.

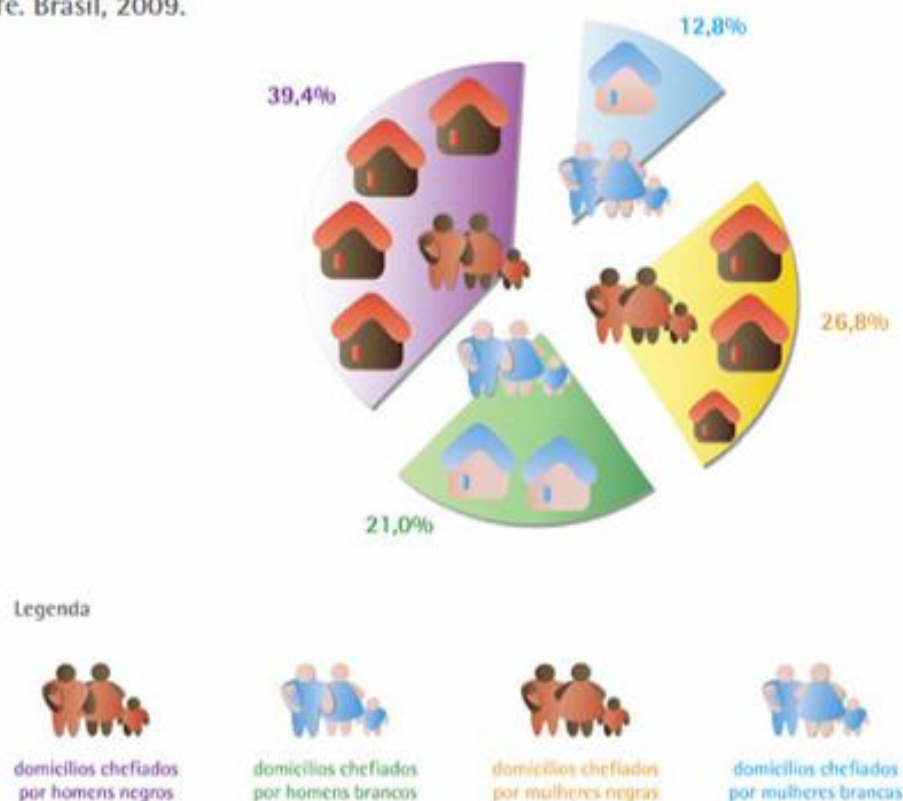
Isto levou a que o cidadão negro - o ex-escravo - não encontrasse oportunidade no mercado de trabalho, na interação social global, tendo um espaço social no qual lhe permitiam uma circulação restrita de tal forma que sua personalidade, sem conseguir criar mecanismos de defesa contra tal situação, se deformou pela ansiedade cotidiana que dele se apoderou desde quando saiu de casa e especialmente quando reivindicou cargos ou funções que a ele, por táticas sub-reptícias e não mais visíveis, não foram permitido socialmente. Com o princípio de que todos são iguais perante a Lei, os mecanismos de barragem étnica se refinaram, sofisticaram-se e ficaram invisíveis, tem-se a impressão de que o seu achatamento social, econômico e cultural é uma decorrência das suas próprias insuficiências individuais ou grupais. Essa deformação da sua personalidade que é uma consequência do comportamento patológico das elites racistas termina segregando-o em um gueto, no nível das relações raciais, especialmente entre negros e brancos, uma sociedade neurótica e produtora de uma paranóia social, quer entre os brancos, quer entre os negros. (MOURA, 2014, p.210-211).

Assim ele ocupa não só os piores postos de trabalho, mas também os piores postos territoriais, refletindo, conseqüentemente, a menos acesso também à saúde, educação e renda. Realidade que segue até os dias atuais, conforme ilustrado muito nitidamente pelo infográfico:

Figura 1 - Infográfico referente a habitação e saneamento segundo sexo e raça/cor (2009)

Habitação e saneamento

Distribuição de domicílios urbanos em favelas, segundo sexo e cor/raça do/da chefe. Brasil, 2009.



Fonte: Retrato das desigualdades de gênero e raça – 4ª edição

Fonte: IPEA, 2011.

Nesse sentido Lélia Gonzalez aponta que:

As condições de existência material da comunidade negra remetem a condicionamentos psicológicos que têm que ser atacados e desmascarados. Os diferentes índices de dominação das diferentes formas de produção econômica existentes no Brasil parecem coincidir num mesmo ponto: a reinterpretação da teoria do “lugar natural” de Aristóteles. Desde a época colonial aos dias de hoje, percebe-se uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são as moradias saudáveis, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes formas de policiamento que vão desde seus feitores, capitães de mato, capangas, etc, até a polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e do sobrado até os belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais”(…) dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço (…). No caso do

grupo dominado o que se constata são famílias inteiras amontoadas em cubículos cujas condições de higiene e saúde são as mais precárias. Além disso, aqui também se tem a presença policial; só que não é para proteger, mas para reprimir, violentar, amedrontar. É por aí que se entende porque o outro lugar natural do negro sejam as prisões. A sistemática repressão policial, dado o seu caráter racista, tem por objetivo próximo a instauração da submissão. (GONZALEZ, 1984, p. 232).

O projeto Retrato das desigualdades de gênero e raça do IPEA, recolhidos por Souza (2019) entre os anos de 1995 a 2015, traz dados importantes referente ao desemprego nos dias atuais:

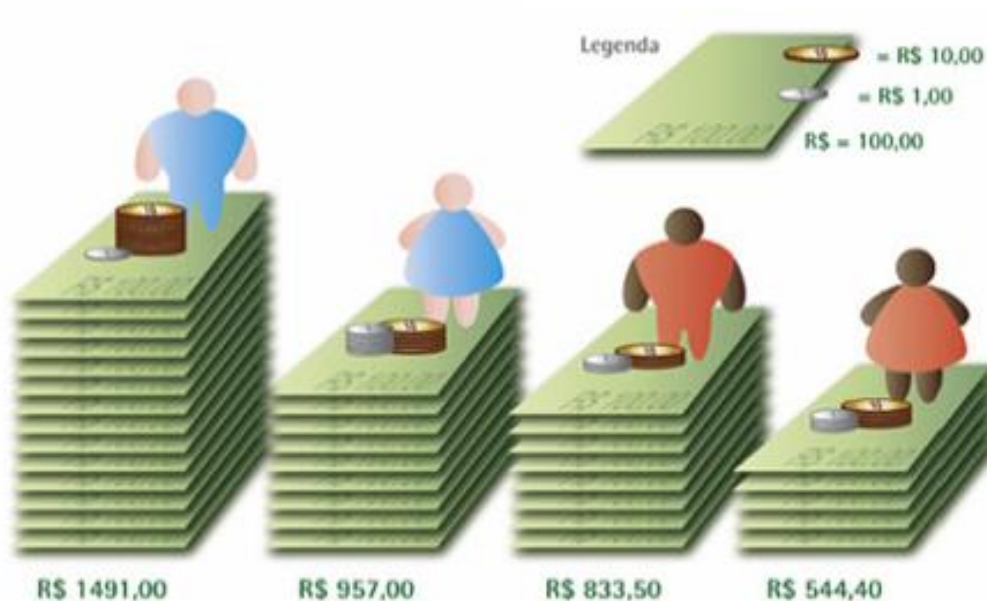
[...] as mulheres negras em 2009, eram as mais atingidas pelo desemprego, 12,5% contra 9,2 das mulheres brancas; no mesmo ano, a média de anos de estudo das mulheres negras era de 7,8 anos, enquanto as mulheres brancas estudavam em média, 9,7 anos; mais de $\frac{1}{4}$ dos domicílios (24%) eram chefiados apenas por mulheres negras no Brasil; a renda média das mulheres negras em 2009 era de R\$544,40, enquanto a média dos homens brancos é de R\$1491,00, mais de duas vezes mais. (SOUZA, 2019, p. 214).

O Infográfico abaixo demonstra de forma mais visual o que está explícito nos dados, nos possibilitando perceber como as mulheres negras estão a margem, mais uma vez.

Figura 2 - Infográfico de distribuição de renda segundo sexo e raça/cor (2009)

Pobreza, distribuição e desigualdade de renda

Renda média da população, segundo sexo e cor/raça. Brasil, 2009.



Fonte: Retrato das desigualdades de gênero e raça – 4ª edição

Fonte: IPEA, 2011.

Ou seja, a materialização dos planos, medidas e projetos políticos traçados desde de o pós-abolição se apresenta também nesses números que deixam a população negra - em evidência, as mulheres - a margem dessa sociedade. Entre as medidas adotadas, se destacam a lei de terras (1850) e a política imigrantista. A política imigrantista defendia a criação de uma raça superior que constituiria o Brasil no pós-abolição. Os governantes da época

[...] começam a buscar no exterior o povo ideal para formar a futura nacionalidade brasileira. A força de atração destas propostas imigrantistas foi tão grande que em fins do século a antiga preocupação com o destino dos ex-escravos e pobres livres foi praticamente sobrepujada pelo grande debate em torno do imigrante ideal ou do tipo racial mais adequado para purificar “a raça brasileira” e engendrar por fim uma identidade nacional. (AZEVEDO, 1987, p. 37).

A classe dominante e racista buscou substituir a população egressa da escravidão por imigrantes europeus, acarretando em um processo de violência psíquica tão intenso que fez com que a população negra buscasse suavizar sua leitura enquanto negritude, tendo como objetivo tornar-se branco, ou o mais próximo disso, no sentido fenotípico e também cultural, afastando-os de suas origens. Após a abolição, inicia uma hierarquização social onde a cor da pele e os traços fenotípicos são determinantes para distribuição de bens e serviços.

Em determinada fase da nossa história econômica houve uma coincidência entre a divisão social do trabalho e a divisão racial do trabalho. Mas através de mecanismos repressivos ou simplesmente reguladores dessas relações ficou estabelecido que, em certos ramos, os brancos predominassem e, em outros, os negros e os seus descendentes diretos predominassem. Tudo aquilo que representava trabalho qualificado, intelectual, nobre, era exercido pela minoria branca, ao passo que todo subtrabalho, o trabalho não qualificado, braçal, sujo, e mal remunerado era praticado pelos escravos, inicialmente, e pelos negros livres após a abolição.

Esta divisão do trabalho, reflexo de uma estrutura social rigidamente estratificada, ainda persiste em nossos dias de forma significativa. Assim como a sociedade brasileira não se democratizou nas relações sociais fundamentais, também não se democratizou nas suas relações raciais. (MOURA, 1988, p.45).

De acordo com Clóvis Moura, o processo de branqueamento, a partir da introdução de imigrantes europeus, foi fundamental na hierarquização do mercado de trabalho no Brasil e, conseqüentemente, para a manutenção do negro nas condições mais perversas de exploração. Para o autor, a grande diferença dos imigrantes pobres europeus e do povo negro recém “livre” é a distribuição da terra. Nesse sentido, Manuel Correia de Andrade (*apud* MOURA, 2014, p.120) aponta que

Onde houve a empresa da migração, houve a possibilidade do migrante adquirir terras, seja por poupança individual ou apoio institucional. Nas outras regiões, o Nordeste em particular, onde os engenhos de decadência não permitiam aos senhores importar mão de obra, estes facilitaram a permanência de trabalhadores livres como “moradores de condição”, ou seja, com permissão para morar e trabalhar na terra, mas com a obrigação de trabalhar em alguma medida para o proprietário.

O imigrante europeu chega com um pedaço de terra para reproduzir, enquanto a população negra é deixada sem nenhum recurso para se estruturar. Os imigrantes,

dada a política de branqueamento, estavam numa situação melhor que a dos negros. Além disso, busca-se naturalizar a ideologia de que pessoas negras são inferiores.

Por esta razão, a mobilidade social para o negro descendente do antigo escravo é muito pequena no espaço social. Ele foi praticamente imobilizado por mecanismos seletivos que a estratégia das classes dominantes estabeleceu. Para que isto funcionasse eficazmente foi criado um amplo painel ideológico para explicar e/ou justificar essa imobilização estrategicamente montada. (MOURA, 1988 p.45).

Para Moura (1988) isto refletirá de várias maneiras na estruturação da sociedade capitalista e organização competitiva da força de trabalho.

Criam-se, em cima disto, duas pontes ideológicas: a primeira é de que com a miscigenação nós democratizamos a sociedade brasileira, criando aqui a maior democracia racial do mundo; a segunda de que se os negros e demais segmentos não-brancos estão na atual posição econômica, social e cultural a culpa é exclusivamente deles que não souberam aproveitar o grande leque de oportunidades que esta sociedade lhes deu. Com isto, identifica-se o crime, a marginalização da população negra, transformando-se as populações não-brancas em criminosos em potencial (MOURA, 1988, p.46).

Nesse sentido, podemos observar também os reflexos deste processo nas formas como o Estado brasileiro, estruturado também a partir da dominação racial (ALMEIDA, 2018), lida com a população negra sobrando do mercado de trabalho: com repressão, genocídio e encarceramento em massa. Para Almeida (2018):

[...] a democracia racial não se refere apenas a questões de ordem moral. Trata-se de um esquema muito mais complexo, que envolve a reorganização de estratégias de dominação política, econômica e racial adaptadas a circunstâncias históricas específicas. (ALMEIDA, 2018, p.179).

Assim, é necessário explicitar que os mecanismos de dominação da população negra, mascarados por esta pseudodemocracia racial, terão no Estado um aparato fundamental para se dinamizarem. De acordo com Almeida (2018, p.180-181)

O Estado brasileiro não é diferente dos outros Estados capitalistas neste aspecto, pois o racismo é elemento constituinte da política e da economia em o qual não é possível compreender as suas estruturas. Nessa vereda a ideologia da democracia racial produz um discurso racista e legitimador da violência e da desigualdade racial diante das especificidades do capitalismo brasileiro.

Portanto, não é o racismo estranho à formação social de qualquer Estado capitalista, mas um fator estrutural, que organiza as relações políticas e econômicas.

A compreensão do racismo no seu caráter histórico e estrutural nos ajuda a entender a dinâmica social que produz para a população negra e, em particular para as mulheres negras, um processo contínuo de múltiplas violências. Assim, refletir sobre esta realidade traz à tona a necessidade de superação deste processo.

RETRATO FALADO

*Dona Preta, minha avó, resolvi cantar,
 suas histórias, suas memórias, seu penar
 Tantos planos, desenganos, tanta dor
 Solidão, viver, crescer, sem ter amor
 Ela apanhava tanto até a alma sangrar, mulher
 e a menina filha, vó, debaixo da mesa, observava o derramar
 escondida, encolhida, com coberta de sangue, tremia de medo
 acompanhada da sua pouca idade, teve parte da vida um segredo,
 Tantos tapas, tantos gritos, tantas noites, tanto dor
 Até que um dia a menina filha, resolveu falar,
 foi na delegacia, foi lá denunciar
 e aí, te tacaram numa cela, tiraram sua roupa e seu valor
 e a menina sangrou na pele tudo que lhe restava de amor
 a prenderam a força, contra a parede, contra moral,
 e do dia pra noite, a menina filha, ficou grávida, grávida do policial
 Então, foi menina de vez, mulher, chorando perdida entre valas e vielas,
 e a cada esquina que passava, sua sanidade pingava em gotas no chão
 que aos poucos formavam um rio de perigo
 sujando o caminho sem proteção
 Perambulava sozinha, de um canto pro outro, pra lá e pra cá
 e a cidade de pau sujo, tinha coragem do seu corpo cobiçar
 Filha do crime perfeito, a criança nasceu, mãe
 E a menina filha teve que entregar
 não tinha como cuidar, mas é abandono, é absurdo, transtorno
 te julgaram, te cuspiram, te pisaram
 e debaixo da mesa, observava o derramar
 entre o hospício e o precipício foi crescendo,
 em meio ao ódio e o doce rebelde viver,
 sem entender a desordem de cada amanhecer
 Engravidou de mim e quis abortar a missão
 de mais uma geração mulher, que sofre o abuso da solidão.*

Dandara Manoela, 2018.

3 RETRATO FALADO: VOZ E IMAGEM EM MOVIMENTO

E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa (GONZALEZ, 1984, p.225).

Retrato Falado é espelho da realidade em movimento, denúncia e expressão, uma música que registra a história da minha bisavó, da minha avó, da minha mãe e a minha história, um retrato íntimo, a princípio. Mas é a partir da inserção na Universidade, no curso de Serviço Social, que passo a compreender que “Retrato Falado” não é uma história pontual, mas sim o retrato de grande parte das mulheres negras na sociedade brasileira. Assim, neste trabalho de conclusão de curso, tenho por objetivo refletir sobre esta compreensão, a partir do movimento de sair do singular e buscar suas mediações com a totalidade das relações sociais e suas contradições.

*Dona Preta, minha avó, resolvi cantar,
suas histórias, suas memórias, seu penar
Tantos planos, desenganos, tanta dor
Solidão, viver, crescer, sem ter amor*

Dona Preta, como inicia o primeiro verso da canção, hoje representa outras mulheres, principalmente mulheres negras, que tem partes de sua história registradas nesses versos, mesmo que não de forma literal. Foi dentro da universidade, que minha avó, numa visita que fez a Florianópolis, revelou toda essa história. Eu já sabia que minha vó tinha passado 12 anos no sanatório, eu já sabia que minha mãe tinha pensado em me abortar, sabia também que em alguma ocasião ela tentou se matar, eu já sabia de algumas coisas, mas eu não entendia essa continuidade, os processos, era tudo muito solto, jogado, quase que como fofoca de família, já que eu nunca tinha ouvido nada por parte delas. Ter ciência da minha história através da minha avó foi libertador, me trouxe indignação, mas também a vontade de reescrevê-la.

Na composição ela surge ainda de forma literal, mesmo que com um ar poético, de forma geral, ela segue a história na íntegra e vem sendo reescrita nos processos da minha vida, aparece na ação, na vivência, nessa formação, no canto, onde a

continuidade do Retrato Falado começa a encontrar refúgios para se colocar fora do cenário estrutural, cíclico e racista, da violência. Ou seja, a composição de uma expressão artística é a síntese de uma elaboração das informações e vivências ao mesmo tempo que se configura como uma forma de conviver com as mesmas e seguir adiante, Conceição Evaristo, denomina esse movimento por Escrivência e diz: “Minha escrita é muito comprometida com as minhas vivências. Nossa história não começa com vitória. Ela sempre começa com luta e resistência. Não tenho elementos para criar uma história que começa com amenidades” (EVARISTO, 2017 *apud* ALVES, 2017, p. 02).

A elaboração do TCC possibilita uma outra dimensão dessa elaboração, que expande as referências para além da trajetória individual/familiar e busca situá-las nas contradições da sociedade como um todo, entendendo que a mesma se estrutura a partir de desigualdades de classe, raça e gênero. Desigualdades estas que farão com que às mulheres negras estejam reservados os piores lugares nesta sociedade. Sociedade essa que defende que somos todos iguais, que temos uma democracia racial, mas que com isso só violenta e isola.

Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. Pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica. É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce como fortes cargas de agressividade. É por aí, também que se constata que os termos mulata e doméstica são atribuídos a um mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas. (GONZALEZ, 1984, p.228).

Segundo Lélia Gonzalez (1984) a mulher negra é vista de três formas: Mulata, doméstica e mãe Preta. Ou seja, as versões de mulheres que existem para servir, para o trabalho que ninguém quer fazer, para satisfazer os desejos sexuais do opressor ou para ser aquela que cuida, mas que não é cuidada, não é vista.

Clóvis Moura (2014) fala sobre o ocultamento da história dos vencidos e o apagamento da memória-história do povo negro pela academia. Para o autor, a história é feita a partir de um processo seletivo no qual as classes dominantes estabelecem uma visão elitista e manipuladora da realidade. Contar a história de mulheres negras na sociedade brasileira num trabalho de conclusão de curso

acadêmico é importante pela oportunidade de subverter os processos do racismo institucional que nos silencia sistematicamente. É importante também, para contextualizar e contestar os estereótipos e pensamentos enrijecidos que foram construídos de forma a alimentar a estrutura racista da sociedade.

A branquitude² reserva compulsoriamente lugares subjugados para o corpo preto a partir de estereótipos construídos num projeto que nos coloca como inferiores, e que ainda sustenta um discurso meritocrático alegando que se esses lugares se mantêm, é porque não houve esforço suficiente. Não relaciona esses lugares pré-estabelecidos com o racismo, mas sim como lugares comuns para o povo preto e que são essas escolhas que não nos permitem ocupar outros lugares e não o racismo que reforça tais papéis. Usando também as exceções para dizer que se houver esforço, “chegaremos lá”, ignorando o processo histórico dessa sociedade e estabelecendo o mito da democracia racial. Ou seja, somos preguiçosos. O homem negro é malandro, ladrão, a criança é pivete, trombadinha, a mulher é cozinheira, faxineira, servente e ou prostituta. Estamos onde queremos estar, “temos o que merecemos”. (GONZALEZ, 1984).

[...] que foi que ocorreu, para que o mito da democracia racial tenha tido tanta aceitação e divulgação? Quais foram os processos que teriam determinado sua construção? Que é que ele oculta, para além do que mostra? Como a mulher negra é situada no seu discurso? O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular. (GONZALEZ, 1984, p.224)

Com um pouco de esforço e análise histórico-social, fica difícil não compreender que a realidade é resultado de um processo violento onde o objetivo fundamental é a exploração econômica e as condições para tal demandam um processo contínuo de dominação e opressão. A deturpação moral do negro na sociedade brasileira corresponde à sua marginalização e exploração no mercado de trabalho no capitalismo dependente (SOUZA, 2019).

A branquitude não relaciona esses lugares pré-estabelecidos com o racismo, mas sim como lugares comuns para o povo preto e que são essas escolhas que não

² Para saber mais sobre branquitude ler: Bento (2002); Sovik (2002); Cardoso (2011); Schucman (2013).

nos permitem ocupar outros lugares e não o racismo que reforça tais papéis. Usando também as exceções para dizer que se houver esforço, “chegaremos lá”, ignorando o processo histórico dessa sociedade. Maria Aparecida Bento (2002) possui uma citação irônica que resume esse pensamento muito característico da branquitude:

Eles reconhecem as desigualdades raciais, só que não associam essas desigualdades raciais à discriminação e isto é um dos primeiros sintomas da branquitude. Há desigualdade raciais? Há! Há uma carência negra? Há! Isso tem alguma coisa a ver com o branco? Não! É porque o negro foi escravizado, ou seja, é legado inerte de um passado no qual os brancos parecem ter estado ausentes. (BENTO, 2002, p. 26).

Ou seja, há uma reafirmação cotidiana de que as pessoas negras são as responsáveis por não ascenderem socialmente e a negação de uma responsabilidade que vem de séculos de escravização, desumanização e privação de direitos.

3.1 O RETRATO DA VIOLÊNCIA

*Ela apanhava tanto até a alma sangrar, mulher
e a menina filha, vó, debaixo da mesa, observava o derramar
escondida, encolhida, com coberta de sangue, tremia de medo
acompanhada da sua pouca idade, teve parte da vida um segredo,
Tantos tapas, tantos gritos, tantas noites, tanto dor.*

Essa era minha bisavó, apanhando do meu bisavô, que é um homem negro retratado pela minha vó como um homem extremamente violento. Esse é o retrato de um número absurdo de mulheres, em particular mulheres negras, inseridas numa sociedade patriarcal e racista, na qual seus corpos e suas vidas são violentados cotidianamente de muitas formas. A violência que impacta a vida das mulheres negras é conformada dentro desta estrutura desigual fundada no escravismo, na qual também o homem negro é vítima constante, ainda que possa ser também reproduzidor da violência. Para Bell Hooks,

Essa talvez seja a razão pela qual muitos negros estabeleceram relações familiares espelhadas na brutalidade que conheceram na época da escravidão. Seguindo o mesmo modelo hierárquico, eles criaram espaços domésticos onde havia tensões em torno do poder, tensões que muitas vezes levavam homens negros a espancarem as mulheres negras, puni-las por más ações, que levavam adultos a espancar crianças como que para provar seu controle e dominação (HOOKS, 1993, p. 232)³.

De acordo com os dados do Atlas da Violência (IPEA, 2019), 66% das mulheres assassinadas no país entre 2007 e 2017 são negras. O mesmo relatório aponta que o aumento da taxa de homicídios de mulheres não negras foi de 1,6%, enquanto de mulheres negras cresceu 29,9%.

Os dados sobre a realidade demarcam a situação social da mulher negra e refletem a incapacidade dessa sociedade racista e patriarcal de resolver as desigualdades estruturais que a sustenta, e a violência segue:

*Até que um dia a menina filha, resolveu falar,
foi na delegacia, foi lá denunciar
e aí, te tacaram numa cela, tiraram sua roupa e seu valor
e a menina sangrou na pele tudo que lhe restava de amor
a prenderam a força, contra a parede, contra moral,
e do dia pra noite, a menina filha, ficou grávida, grávida do policial*

A música também trata da violência sexual, estupro, sofrida pela minha vó, por um homem branco que representa uma autoridade e que se aproveita de um momento de fragilidade e do estigma que ela tinha como “louquinha do bairro”, quando a mesma decide pedir proteção por conta das violências que estava vivendo. Nesse ponto, há dois elementos para destacar. O primeiro é a objetificação do corpo da mulher negra e o histórico de abuso sexual em que a mesma está submetida desde a escravidão;

³ Texto original: No wonder then that many black folks established domestic households that mirrored the brutal arrangements they had know in slavery. Using a hierarchical model of family life, they created domestic espaces where there were tensions around power, tensions that often led black men to severely whip black women, to punish them for perceived wrongdoing, that led adults to beat children to asset domination and control. (HOOKS, 1993, p. 232).

onde às mulheres negras eram reservados não só as brutais açoitadas e mutilações, como aos homens negros, mas também o estupro (DAVIS, 2016).

Seria um erro interpretar o padrão de estupros instituído durante a escravidão como uma expressão dos impulsos sexuais dos homens brancos, reprimidos pelo espectro da feminilidade casta das mulheres brancas. Essa explicação seria muito simplista. O estupro era uma arma de dominação, uma arma de repressão, cujo objetivo oculto era aniquilar o desejo das escravas de resistir e, nesse processo, desmoralizar seus companheiros. (DAVIS, 2016, p. 36)

O estupro vem como forma de dominação, controle e repressão, que assim como para as mulheres escravizadas, a intenção nos dias atuais é reafirmar o lugar de subordinação, de objeto, a partir de uma ação que busca legitimar o lugar de poder do dominador.

O segundo elemento aparece na explícita inversão do papel do Estado, do lugar de quem deveria assegurar, para o lugar de quem viola, agride, em ações expressadas através do abuso de autoridade a partir da reprodução e repetição da violência, por uma instituição que não protege, mas, ao contrário, ataca o povo preto, elegendo descaradamente aqueles que vai proteger, que se representam por um corpo que está no topo da escala do privilégio: O homem branco.

De acordo com Almeida (2018),

O racismo tem, portanto, duas funções ligadas ao poder do Estado: a primeira é a de fragmentação, de divisão no contínuo biológico da espécie humana, introduzindo hierarquias, distinções, classificações de raças. O racismo estabelecerá a linha divisória entre superiores e inferiores, entre bons e maus, entre os grupo que merecem viver e os que merecem morrer, entre os que terão a vida prolongada e os que serão deixados para a morte, entre os que devem permanecer vivos e o que serão mortos. E que se entenda que a morte aqui não é apenas a retirada da vida, mas também é entendida como a exposição ao risco da morte, a morte política, a expulsão e a rejeição.

A outra função do racismo é permitir que se estabeleça uma relação positiva com a morte do outro. Não se trata de uma tradicional relação militar e guerreira em que a vida de alguém depende da morte de um inimigo. Trata-se, para Foucault, de uma relação inteiramente nova, compatível com o exercício do biopoder, em que será estabelecida uma relação de tipo biológico, em que a morte do outro - visto não como meu adversário, mas como um degenerado, um anormal, pertence a uma "raça ruim" - não é apenas uma garantia de segurança do indivíduo ou das pessoas próximas a ele, mas do livre, sadio, vigoroso e desimpedido desenvolvimento da espécie, do fortalecimento do grupo ao qual pertence. (ALMEIDA, 2018, p.115-116)

Os dados recolhidos pela Agência Patrícia Galvão (SOUZA, 2019), apontam que as mulheres negras somam 58,86% das vítimas de violência doméstica e 56,8% das vítimas de estupro. A violência sexual é uma constante na vida de grande parte das mulheres negras, cujos corpos são tomados como mero objeto. O abuso sexual cometido pelos homens brancos, contra as mulheres negras, desde o período da escravidão, tem continuidade na sociedade “livre” e opera a partir do racismo.

O abuso sexual de mulheres negras, é óbvio, nem sempre se manifesta na forma de uma violência tão aberta e pública. Há o drama diário do racismo representado pelos incontáveis e anônimos enfrentamentos entre as mulheres negras e seus abusadores brancos. Essas agressões têm sido ideologicamente sancionadas por políticos, intelectuais e jornalistas, bem como por literatos que com frequência retratam as mulheres negras como promíscuas e imorais. (DAVIS, 2016, p.181).

No que tange à violência sexual, Davis (2016) chama atenção ainda para a construção ideológica do “mito do negro esturador” que na batalha conformada por racismo e sexismo, reforça a deturpação do homem negro e a sua apresentação como imoral, violento, animalizado, etc. A estereotipação racista faz com que aqueles que detêm a estrutura de poder - homens brancos - passem impunes nos inúmeros crimes que cometem, ao passo que, quando ocupam a estrutura do Estado, também a utilizam para legitimar seu lugar de poder.

O mito do esturador negro continua a levar a cabo o pérfido trabalho da ideologia racista. E deve ser responsável por grande parte do fracasso da maioria das teorias antiestupro na busca da identidade do enorme número de esturadores anônimos, que seguem sem denúncia, julgamento e condenação. Enquanto suas análises focaram acusados de estupros que são denunciados e presos, portanto, apenas uma fração dos estupros de fato cometidos - os homens negros (e outros de minorias étnicas) serão inevitavelmente vistos como vilões responsáveis pela atual epidemia de violência sexual. O anonimato que cerca a imensa maioria dos estupros é, em consequência, tratado como um detalhe estatístico - ou mais do que isso, como um mistério cujo sentido é indecifrável.

Mas, em primeiro lugar, por que existem tantos esturadores anônimos? Não seria esse anonimato um privilégio usufruído pelos homens cuja condição social os protege de processos judiciais? Embora os homens brancos que são empregadores, executivos, políticos, médicos, professores universitários etc. sejam conhecidos por “tirar vantagem” de mulheres que eles consideram socialmente inferiores, seus delitos sexuais raramente vêm à luz em tribunais. Portanto, não é bastante provável que esses homens de classe capitalista e da classe médica sejam responsáveis por uma proporção significativa dos estupros não notificados? Muitos desses estupros

certamente envolvem vítimas que são mulheres negras: sua experiência histórica mostra que a ideologia racista subentende um convite aberto ao estupro. Com base da licença para estuprar as mulheres negras durante a escravidão era o poder econômico dos proprietários de escravos, a estrutura de classe da sociedade capitalista também abriga um incentivo ao estupro. Na verdade, parece que homens da classe capitalista e seus parceiros de classe média são imunes aos processos judiciais porque cometem suas agressões sexuais com a mesma autoridade incontestada que legitima suas agressões diárias contra o trabalho e a dignidade de trabalhadores e trabalhadoras. (DAVIS, 2016, p.201)

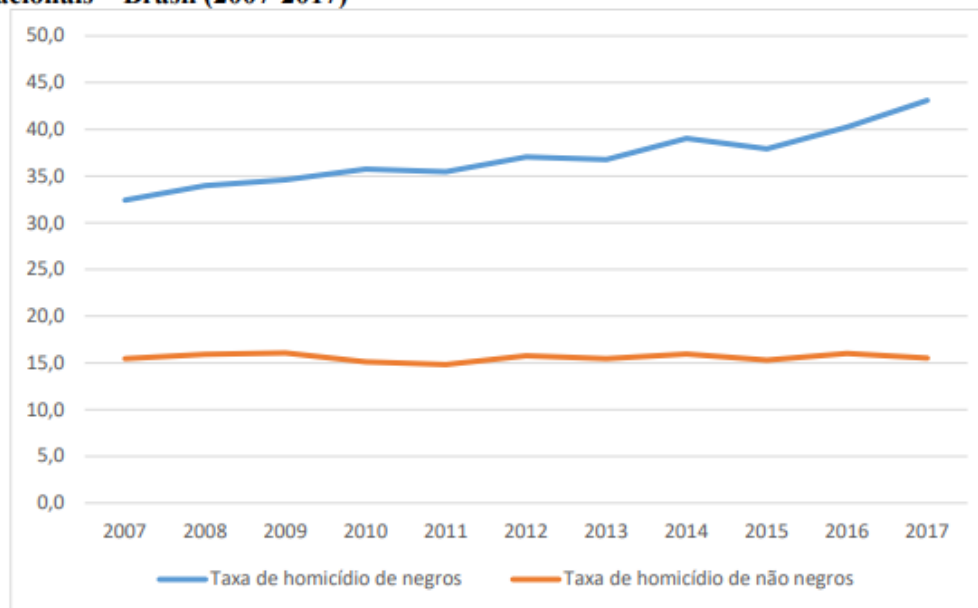
Num país racista, a estrutura do Estado, que se apresenta ideologicamente como uma estrutura de poder, de “proteção aos cidadãos”, funciona para encobrir a perversidade histórica dos donos do poder - homens brancos e suas representações - e reproduz a desigualdade e violência permanentemente, o que exige mudanças radicais na própria estrutura da sociedade, pois somente numa sociedade que não seja fundada nas desigualdades de raça, gênero e classe pode haver proteção à vida e a individualidade de cada um.

O abuso de autoridade se reflete também na omissão do Estado frente aos dados de desigualdade social. Quando levantamos os dados de homicídio do país, podemos observar que os números expressivos referentes a população negra se configuram no genocídio. O Atlas da violência de 2019, afirma o aumento da desigualdade racial a partir dos indicadores de violência letal no Brasil.

Em 2017, 75,5% das vítimas de homicídios foram indivíduos negros (definidos aqui como a soma de indivíduos pretos ou pardos, segundo a classificação do IBGE, utilizada também pelo SIM), sendo que a taxa de homicídios por 100 mil negros foi de 43,1, ao passo que a taxa de não negros (brancos, amarelos e indígenas) foi de 16,0. (IPEA, 2019, p. 49).

É perceptível, portanto, que existe uma discrepância entre os homicídios de pessoas negras e não negras, podendo ser melhor percebido no gráfico abaixo:

Figura 3 - Gráfico sobre a taxa de homicídios de negros e não negros no Brasil (2007-2017)
Taxas de homicídios de negros e de não negros a cada 100 mil habitantes dentro destes grupos populacionais – Brasil (2007-2017)



Fonte: Os dados de homicídios foram provenientes do MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM. Observação: O número de Negros foi obtido somando pardos e pretos, enquanto o De não negras se deu pela soma dos brancos, amarelos e indígenas, todos os ignorados não entraram nas contas. Elaboração Diest/Ipea e FBSP.

Fonte: IPEA, 2019, p. 46.

A linha azul em ascendência retrata que existe uma diferença numérica referente a taxa de homicídio da população negra, mas para além disso, demonstra uma falta de interesse por parte do Estado em mudar esse cenário, visto que a linha que retrata os homicídios de pessoas não negras se mantém estável nesses dez anos, demonstrando que o plano de extermínio, do genocídio da população negra está em plena execução.

Outro dado alarmante é o do sistema prisional brasileiro, segundo o Portal da Câmara dos deputados: 61,7% dos presos são pretos ou pardos, contra 37,22% brancos. Sendo que 53,53% da população brasileira é negra (pretos e pardos), para 45,48% de não negros. (BRASIL, 2018). Esses dados vêm reforçar a omissão - que é intenção - do Estado e os abusos de autoridade perante a população negra, visto que são os maiores índices de encarceramento e mortes. Nesse sentido, dialogando com Achille Mbembe, Almeida (2018, p.95) aponta que

Ana Luiza Flauziana fala-nos como os mecanismos de destruição das vidas negras se aperfeiçoam no contexto neoliberal, conferindo ao extermínio formas mais sofisticadas do que o encarceramento puro e simples. Para ela, “as imagens e os números que cercam as condições de vida da população negra estampam essa dinâmica”. A expulsão

escolar, a pobreza endêmica, a negligência com a saúde da mulher negra e a interdição da identidade negra seriam, juntamente com o sistema prisional, partes de uma engrenagem social de dor e morte. A necropolítica, portanto, instaura-se como a organização necessária do poder em um mundo que a morte avança implacavelmente sobre a vida. A justificação da morte em nome dos riscos à economia e à segurança torna-se o fundamento ético dessa realidade. Diante disso, a lógica da colônia materializa-se na gestão praticada pelos Estados contemporâneos, especialmente nos países da periferia do capitalismo, em que as antigas práticas coloniais deixaram resquícios. Como também observa Achille Mbembe, o neoliberalismo cria o devir-negro do mundo: as mazelas econômicas antes destinadas aos habitantes das colônias agora espalham para todos os cantos e ameaçam fazer com que toda a humanidade venha a ter o seu *dia de negro*, que pouco tem a ver com a cor da pele, mas essencialmente com a condição de *viver para a morte*, de conviver com o medo, com a expectativa ou com a efetividade da vida pobre e miserável. (ALMEIDA, 2018, p. 95-96)

Ao Estado, em tese, caberia a responsabilidade de pensar ações com objetivo de minimizar as expressões da questão social, considerando gênero, raça e classe, pontos fundantes dessas expressões e não a legitimação das desigualdades.

Silvio Almeida traz que

[...] uma vez que o Estado é a forma política do mundo contemporâneo, o racismo não poderia se reproduzir-se, ao mesmo tempo, não alimentasse e fosse também alimentado pelas estruturas estatais. É por meio do Estado que a classificação de pessoas e a divisão dos indivíduos em classes e grupo é realizada (ALMEIDA, 2018, p. 67-68).

Ou seja, os órgãos estruturantes que regem essa sociedade, possuem como base uma formação social que tem como prática política a hierarquização das pessoas a partir de raça, classe e gênero e legitimam as violências praticadas a corpos considerados inferiores.

3.2 O RETRATO DA SOLIDÃO

*Então, foi menina de vez, mulher, chorando perdida entre valas e vielas,
e a cada esquina que passava, sua sanidade pingava em gotas no chão
que aos poucos formavam um rio de perigo*

sujando o caminho sem proteção

*Perambulava sozinha, de um canto pro outro, pra lá e pra cá
e a cidade de pau sujo, tinha coragem do seu corpo cobiçar*

Existem muitos estudos que trazem a tona a denúncia referente a solidão da mulher negra, a maioria deles traz essa solidão no sentido afetivo, inclusive com dados que comprovam essa solidão, mostrando que a mulher negra é a que menos se casa, ou então a que tem número mais expressivos como “chefe de família”, enquanto mãe solo e que discutem aspectos relacionados com as escolhas afetivas e solidão da mulher negra.

Mas nesse trabalho quero refletir e trazer uma perspectiva menos heteronormativa, onde tudo bem a mulher negra ser solteira, mãe solo, ou não ser casada de forma convencional com um homem cis, caso ela estivesse amparada pelo Estado, caso ela tivesse recursos de moradia, saúde, educação, de forma igualitária, caso não fosse ela a ocupar apenas subempregos, caso ela não carregasse tantos estigmas enquanto corpo violável, sem lei, caso fosse de sua escolha, de nossa escolha.

A solidão da mulher negra é muito mais que a solidão afetiva. É o não ser notada, não ter nome, ser a pessoa que faz, mas não é vista, ser a pessoa que alcança, mas quando olha para o lado não reconhece outras como ela. É a solidão da apreensão de não saber se sua filha ou filho chegará bem e vivo em casa, de ter que provar o tempo todo que é merecedora, que os seus e as suas são competentes, íntegros. É a violência que começa pelo Estado com suas políticas de exclusão e genocídio, por sua omissão com a população negra. Uma solidão que se intensifica quando as mulheres negras falam, apontam as injustiças, sendo taxadas de agressivas e raivosas.

As pessoas não imaginam o quão hostil é estar em um lugar em que só você é a pessoa negra ou é aquela que vai ser posta no lugar da chata agressiva porque só fala disso. De olhar para o lado e não perceber um olhar de acolhimento quando passa por situações discriminatórias. De ser desacreditada, atacada porque as pessoas esperam a queda de quem ousou sair do seu lugar. (RIBEIRO, 2019, p. 3).

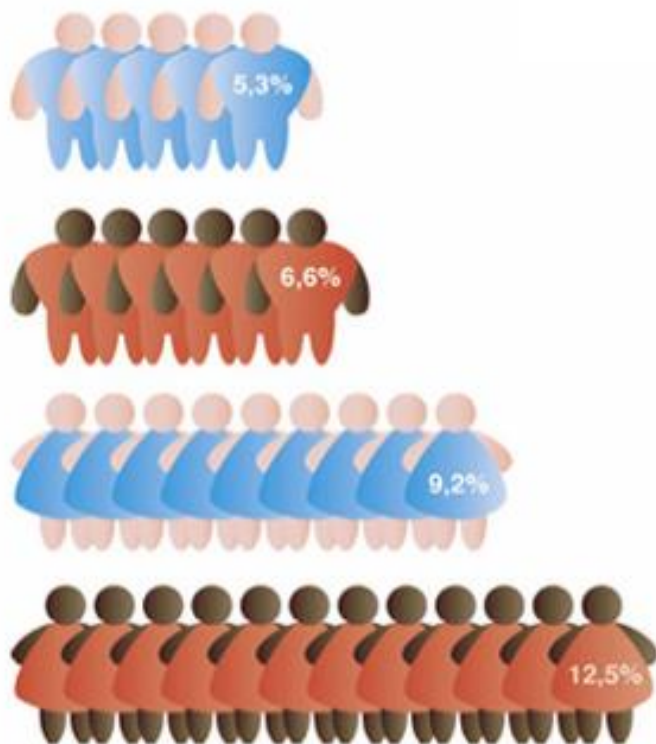
A solidão de ter que ser forte, sempre forte, “essa exigência de força atesta a ilegalidade do Estado. Poder assumir as fragilidades e tristezas e ter atenção a saúde mental de qualidade seria restituir de humanidade essas mulheres” (RIBEIRO, 2019, p. 3). E essa solidão vai afetando o psíquico das pessoas negras, das mulheres negras, podendo causar, de fato, adoecimentos psíquicos (RIBEIRO, 2019) como foi o caso da minha avó, que ficou muitos anos vivendo em sanatório e nem mesmo a família era presente, porque toda essa estrutura nos faz acreditar que é o lugar que ela deve estar, acarretando em ainda mais solidão.

Portanto, a solidão da mulher negra transcende a questão afetiva, é uma solidão autorizada e disseminada pelo Estado e suas políticas de exclusão que contribuem para ações cotidianas de apagamento, invisibilização dessas mulheres que estão nos espaços servindo, cuidando, mas, também, das que estão em espaços de destaque, pois são as exceções, as guerreiras, os pontos fora da curva. Esse infográfico retirado do Retrato das Desigualdade de Gênero e Raça de 2011 é um exemplo bastante prático e explícito da discrepância em que vivem as mulheres negras na sociedade, que se encontram excluídas do mercado de trabalho.

Figura 4 - Infográfico referente a desemprego segundo sexo e raça (2009)

Mercado de trabalho

Taxa de desemprego da população de 16 anos ou mais de idade, segundo sexo e cor/raça. Brasil, 2009.



Fonte: Retrato das desigualdades de gênero e raça – 4ª edição

Fonte: IPEA, 2011

E quando possuem empregos, normalmente são subempregos que não garantem seus direitos, como pode-se perceber no gráfico abaixo:

Figura 5 - Gráfico referente à porcentagem de trabalhadoras domésticas com carteira de trabalho assinada segundo raça/cor (1996-2007)



Fonte: BONETTI; ABREU, 2011, p. 99.

Pensar no fim da solidão das mulheres negras, portanto, é pensar em uma ruptura estrutural que as coloque em evidência, que as tire dos espaços de serventia e subordinação como regra, algo que muitos coletivos de feminismo negro têm buscado fazer, mas que sem uma nova percepção social sobre essas mulheres acaba se tornando bastante difícil de alcançar. Minha avó, Dona Preta, é a pessoa mais solitária que eu conheci na vida.

3.3 O RETRATO DA LOUCURA

*Filha do crime perfeito, a criança nasceu, mãe
E a menina filha teve que entregar
não tinha como cuidar, mas é abandono, é absurdo, transtorno
te julgaram, te cuspiram, te pisaram
e debaixo da mesa, observava o derramar
entre o hospício e o precipício foi crescendo,
em meio ao ódio e o doce rebelde viver,
sem entender a desordem de cada amanhecer*

Os efeitos psicossociais do racismo têm sido discutidos por pesquisadores negros, em particular influenciados pelo pioneirismo de Frantz Fanon (2008), psiquiatra martinicano e grande referência na luta contra o racismo e o colonialismo. Para este autor, entender as neuroses da sociedade fundada pelo colonialismo requer ampliar a visão para todo o processo social e psicológico que engendrou na constituição desta sociedade. E sendo a psiquiatria, e a área da ciência em geral, eminentemente branca e colonizadora, a dificuldade de compreender as particularidades das manifestações de psicopatologias em pessoas negras passa pela negação da compreensão dos impactos do racismo na formação psicológica, não do ponto de vista individual, mas enquanto coletividade, sociedade; bem como a sua construção cotidiana através dos mecanismos de dominação.

O racismo, coloca a população negra exposta a situações de extrema violência que se configura de diversas maneiras nessa sociedade, através de um racismo que exclui, humilha, abusa e mata. Ou seja, as situações que a negritude é exposta, desde a infância, referente ao genocídio, a situação do encarceramento, renda da população negra, condições de moradia, educação, segurança, refletem conseqüentemente na sua saúde mental (GONÇALVES, 2017), que mais uma vez fica à mercê de um Estado que escolhe quem protege.

Em entrevista ao Jornal Nexo (2019) sobre “O impacto do racismo na saúde mental da população negra”, o psicólogo Valter da Mata, aponta que o racismo incide psicologicamente em duas dimensões:

A primeira dimensão da psicologia atingida é a autoestima, como a pessoa se avalia, se valoriza. Ela vive uma série de situações onde vai ser minimizada, ignorada, invisibilizada ou ainda associada a coisas ruins. Sem compreender, a vítima de racismo passa a introjetar essa menos-valia, acreditando ser burra, feia, inferior. Existia no Brasil, por exemplo, o famigerado “boa aparência”. A pessoa negra é taxada desde a escola com adjetivos muito pesados com relação a seus traços, ao cabelo, então ela se auto-discrimina, e não acredita que tenha boa aparência.

Outra dimensão que forma a espinha dorsal da questão psíquica é a da identidade. A identidade nada mais é do que referências em torno das quais o indivíduo se reconhece. Existe a identidade pessoal, ligada às características do sujeito (“Eu sou tímido, sou extrovertido, sou competente, sou alegre”), que são características psicológicas, e a identidade social, o pertencimento a grupos sociais. (JORNAL NEXO, 2019)

O racismo, ao se constituir como estrutural e estruturante das relações sociais, incidirá, portanto, também nas condições de saúde da população negra e indígena. Ao mesmo passo em que sofremos as incidências do racismo, a sociedade eugênica e higienista, por meio do Estado, atua para estigmatizar ainda mais aqueles que apresentam um sofrimento mental, tratando como algo inerente à população negra. Neste sentido, Gonçalves (2017) aponta que, para compreender a questão da saúde da população negra é necessário repensarmos a perspectiva de raça, a sua construção histórica e social assentada na desigualdade e na extrema violência contra a população negra.

De acordo com os dados do Ministério da Saúde (BRASIL, 2018), em relatório realizado pela UnB aponta que o suicídio atinge mais a pessoas negras do que brancas, em particular os jovens e adolescentes negros.

A tendência da taxa de mortalidade por suicídio entre adolescentes e jovens negros apresentou um crescimento estatisticamente significativo no período de 2012 a 2016. Em 2012, a taxa de mortalidade por suicídio foi de 4,88 óbitos por 100 mil entre adolescentes e jovens negros e aumentou 12%, alcançando 5,88 óbitos por 100 mil entre adolescentes e jovens negros em 2016. Por outro lado, a taxa de mortalidade por suicídio entre os brancos permaneceu estável, isto é, a variação não foi significativa estatisticamente. Em 2012, a taxa de mortalidade por suicídio entre adolescentes e jovens brancos foi de 3,65 óbitos por 100 mil, e em 2016 essa taxa foi de 3,76 óbitos por 100 mil. Analisando esses dois grupos em 2016, nota-se que a cada 10 suicídios em adolescentes e jovens, aproximadamente seis ocorreram em negros e quatro em brancos. (BRASIL, 2018, p.24).

O retrato da loucura, portanto, se faz consequência do pré-retrato, do retrato da violência e do retrato da solidão. Ou seja, a loucura, nesse caso, é o retrato do racismo. Minha avó conta que o período em que ela esteve presa no manicômio, ela passou por situações de tortura e com base nisso, debruçada na leitura dos Jacobinos negros, James (2010), noto que muitas dessas ações, são análogas a escravidão, que desde aquela época já incitavam o desprazer da vida, sendo combustível para um desequilíbrio psíquico, tendo como consequência iniciativas suicidas, entre outras. A música intitulada A carne composta por Seu Jorge, Marcelo Yuca e Wilson Capelletto (1998), interpretada e aclamada na voz de Elza Soares (2002), denuncia:

A carne mais barata do mercado é a carne negra
Que vai de graça pro presídio
E para debaixo do plástico
Que vai de graça pro subemprego
E pros hospitais psiquiátricos (JORGE; YUCA; CAPELLETTE, 1998).

Somos a “carne” que vai para os piores lugares como consequência de toda violência direcionada à vida da população negra e mais uma vez, não de forma individual, mas sim universal. Voltamos ao ciclo: Onde estamos? Quem somos? Quais empregos ocupamos? Quais são nossos salários? Moradia? Educação? Quais são nossas condições de mudar essa história quando - ainda que com novas roupagens - o racismo continua como estrutural nessa sociedade?

3.4O RETRATO DA LUTA E DA RESISTÊNCIA

*Engravidou de mim e quis abortar a missão
de mais uma geração mulher (preta), que sofre o abuso da solidão.*

Às mulheres negras foi renegado o direito ao controle de natalidade desde o início desta discussão lá no século XIX. Decidir sobre o próprio corpo era algo que estava sendo buscado pelo feminismo, mas sem considerar as mulheres negras e as trabalhadoras. Esse feminismo que é branco e que, na época, justificava que as mulheres negras e pobres estavam muito preocupadas com outras questões e que, por isso, não participavam das discussões sobre o tema, desconsiderava que estas mulheres já estavam há muito tempo pensando e buscando formas de prevenir gravidez e de não tê-las quando acontecesse indesejadamente. Mulheres que abortavam suas crianças por desespero de ter que colocar no mundo mais um ser que seria escravizado, como na época da escravidão. (DAVIS, 2016)

Mulheres que tinham seus corpos violentados e não tinham a menor condição material e emocional de sustentar uma nova vida. Que quando foram incluídas nas políticas de controle de natalidade foram esterilizadas involuntariamente, num plano de extermínio e descontinuidade da raça (DAVIS, 2016). Ou, quando se findou o

tráfico negreiro, foram subjugadas ao papel de reprodutoras de força de trabalho para atender à demanda da sociedade escravista que permaneceu após o fim do tráfico. Ações essas que contribuíram para a solidão das mulheres negras, para a sua desesperança e vontade de permanecer e de dar seguimento a outras vidas.

Por que os abortos autoinduzidos e os atos relutantes de infanticídio eram ocorrências tão comuns durante a escravidão? Não era porque as mulheres negras haviam descoberto soluções para suas agonias, e sim porque elas estavam desesperadas. Abortos e infanticídios eram atos de desespero, motivados não pelo processo biológico do nascimento, mas pelas condições opressoras da escravidão. A maioria dessas mulheres, sem dúvida, teria expressado seu ressentimento mais profundo caso alguém saudasse seus abortos como um passo rumo à liberdade. (DAVIS, 2016, p.208).

Eu cresci ouvindo de algumas pessoas da família, que minha mãe pensou em me abortar, isso vinha jogado, afinal era um assunto tabu, assim como outras histórias, e durante anos na minha infância foi motivo de tristeza, dúvidas, insegurança. Quando minha avó materna, aqui dentro da universidade me contou todo o retrato descrito na música, do início ao “fim”, foi como um momento de cura, onde eu consegui compreender mais do que eu imaginava já saber, sobre as consequências de um racismo estrutural. Foi onde eu consegui enxergar a força de minhas ancestrais, onde tive forças pra seguir em frente e continuar mudando o curso dessa história, e não a minha particular, mas a história de nós mulheres negras dentro dessa sociedade. É baseada em Ângela Davis que hoje consigo perceber que tanto me abortar quanto seguir com o curso da gravidez, qualquer uma das duas opções, seria um ato de resistência da minha mãe e é um ato de resistência das mulheres negras. Por mais que hoje não sejamos escravizadas, estamos à mercê dessa sociedade que nos violenta, oprime e subjuga e nós nos armamos para o enfrentamento.

Estar dentro da Universidade hoje, enquanto mulher preta, ser lida e ouvida nesse espaço, ter a oportunidade de partilhar minha história num trabalho acadêmico, é mudar as linhas de um Retrato difícil de ser ouvido, difícil de ser falado, difícil de ser cantado. Poder trazer pra dentro da Universidade minha bisavó, minha avó, minha mãe, minha tia, mulheres negras que são referência pra mim, é ter minha própria história como ruptura de um ciclo. É dizer que apesar desse plano de extermínio das nossas vidas, nós mulheres negras continuamos resistindo sendo a fonte da nossa própria força, nos apoiando e nos inspirando. Nós estamos presentes ocupando os

espaços que nos foram negados durante tanto tempo e tem muitas mulheres pretas fazendo isso há muito tempo: Bell Hooks, Conceição Evaristo, Elza Soares, Ângela Davis, Lélia Gonzalez, Cristiane Sabino, que trago em alguns momentos neste trabalho, são algumas delas. Chegou a minha vez e eu agradeço a todas, por terem me oportunizado estar aqui.

4 CONCLUSÃO

Foi a partir do curso de serviço social que despertei um olhar de criticidade para o sistema em que vivemos e conseqüente me deu suporte para elaborar as mediações levantadas neste trabalho, refletindo sobre as expressões da questão social que apesar de ser um termo que surge sob uma ótica Europeia, para dar conta da primeira onda industrializante no século XVIII, se atualiza, segundo Netto (2013), não como uma “nova questão social”, mas sim, na necessidade e emergência de investigar as novas expressões da “Questão Social”,

Se a “lei geral” opera independentemente de fronteiras políticas e culturais, seus resultantes societários trazem a marca da história que a concretiza. Isto significa que o desafio teórico anteriormente salientado envolve, ainda, a pesquisa das diferencialidades histórico-culturais (que entrelaçam elementos de relações de classe, geracionais, de gênero e de etnia constituídos em formações sociais específicas) que se cruzam e tensionam na efetividade social. Em poucas palavras: a caracterização da “questão social”, em suas manifestações já conhecidas e em suas expressões novas, tem de considerar as particularidades histórico-culturais e nacionais. (NETTO, 2013, p.29).

Considerando o processo histórico-cultural em que a sociedade brasileira foi constituída, juntamente com as mediações elaboradas neste trabalho, com base em autoras/es que discutem sobre a questão racial, é pertinente apontar que ter o racismo na estrutura do país se reflete, sem dúvidas nas expressões da questão social. Por esse motivo, acredito que seria importante um maior aprofundamento da categoria referente aos desdobramentos do racismo.

A partir do levantamento bibliográfico feito para contextualizar como essa sociedade se estrutura racialmente, foi possível elaborar as mediações teóricas junto da música Retrato Falado, que à princípio traz vivências específicas de uma família de mulheres negras brasileiras, o que trouxe reflexão sobre as contradições de gênero, raça e classe, ainda presentes. Dessa forma, foi possível constatar que a estrutura racista em que o Brasil foi constituído, contribui para que a história se repita ainda hoje, mantendo a maioria das mulheres negras em lugar de subordinação e solidão. Ou seja, a história descrita na música, que sai de um retrato singular, na verdade é um retrato da vida de grande parte das mulheres negras dessa sociedade, se tornando um retrato universal, mas que ainda assim se reproduz e é redesenhado

de diversas formas. Por isso, descrevemos esse retrato como Retrato Falado: Voz e imagem em Movimento e em sequência vamos descrevendo seus desdobramentos como Retrato da Violência, Retrato da Solidão, Retrato da Loucura. Buscando uma forma de apresentar onde e como o pré-Retrato vai se desdobrando. Entendendo que os movimentos históricos que constituem essa sociedade não findam em si, mas que tem consequências que vão se refletindo a todo tempo. Foi possível também constatar através dos dados de homicídio, salário, escolaridade, cárcere, moradia, a omissão do Estado perante o racismo e seus desdobramentos e não só a omissão, mas muitas vezes sua ação em legitimar um lugar de subordinação do povo preto, que se apresentam no policiamento e abuso de poder (como também descrito na música). Um Estado que deveria estar atento e ativo na elaboração de ações para de fato chegarmos a uma democracia racial, na verdade decide quem vai proteger e não somos nós.

Como forma de entender o percurso das linhas riscadas, chegamos, por fim, no Retrato da Resistência, onde encontro todas as mulheres negras que oportunizaram que eu estivesse aqui direta ou indiretamente, onde eu elaboro esse trabalho de conclusão de curso do Serviço Social, contando a minha história e de minhas ancestrais, me aproximo do tão sonhado diploma, contradizendo as linhas que foram há tanto tempo brutalmente reservadas para nós e é dessa forma que eu concluo esse Retrato, resistindo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. de. **O que é Racismo Estrutural?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALVES, Alessandra. “A literatura é o lugar para expurgar a dor do racismo”, afirma Conceição Evaristo. **Brasil de Fato**: Uma visão popular do Brasil e do Mundo. Salvador. 12 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/08/12/a-literatura-e-o-lugar-para-expurgar-a-dor-do-racismo-afirma-conceicao-evaristo/>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

AZEVEDO, C. M. M. de. **Onda negra, medo branco**; o negro no imaginário das elites — século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BENTO, M. A. S. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (orgs.). **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002, p. 25-58.

BONETTI, A. DE L.; ABREU, M. A. A. (orgs.). **Faces da desigualdade de gênero e raça no Brasil**. Brasília: Ipea, 2011. 160 p.

BRASIL. **Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016**. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. Universidade de Brasília, Observatório de Saúde de Populações em Vulnerabilidade – Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

BRASIL. Pedro Calvi. Câmara dos Deputados - CDHM. **Sistema carcerário brasileiro**: negros e pobres na prisão. 2018. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/noticias/sistema-carcerario-brasileiro-negros-e-pobres-na-prisao>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

BRAZ, M. **Samba, cultura e sociedade**: sambistas e trabalhadores entre a questão social e a questão cultural no Brasil. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

CARAGNETO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, out./dez. 2006.

CARDOSO, L. O Branco-Objeto: o movimento negro situando a branquitude. **R. Est. Pesq. Educ.** Juiz de Fora, v. 13, n. 1, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.observatoriodonegro.org.br/pdf/o-branco-objeto-o-movimento-negro-situando-abranquitude-por-lourenco-cardoso.pdf>> Acesso em: 12 dez. 2019.

CONCEIÇÃO, D. G. O Serviço Social e prática pedagógica: a arte como instrumento de intervenção social. **Serv. Soc. Rev.**, Londrina, v. 12, n. 2, p. 51-67, jan./jun. 2010.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad.: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (orgs.) **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>> Acesso em: 01 dez. 2019.

GONZALEZ, L. Mulher Negra. In: **Anais da 1985 and beyond**: a national conference. Baltimore. Baltimore: African-American Political Caucus and Morgan State University, 1984.

HOOKS, B. Living to love. In: WHITE, E. C. (org.). **The Black Women's Health Book**: Speaking for Ourselves. Seal Press, 1993. p. 231-236.

IPEA (org.). **Atlas da violência 2019**. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019.

IPEA [et al.]. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. 4ª ed. Brasília: Ipea, 2011.

JAMES, C. L. R. **Os jacobinos negros**: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos. Trad.: Afonso Teixeira Junior. 1. ed. rev. São Paulo: Boitempo, 2010.

JORGE, S.; YUCA, M.; CAPELLETTE, W. **A carne**. Rio de Janeiro: Polygram, 1988. CD (3min38seg).

JORNAL NEXO, **O impacto do racismo na saúde mental da população negra**. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2019/01/26/O-impacto-do-racismo-na-sa%C3%BAdede-mental-da-popula%C3%A7%C3%A3o-negra> Pesquisa em: 13 dez. 2019.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MOURA, C. Escravismo, colonialismo, imperialismo e racismo. **Afro - Ásia**., Salvador, n. 14, p. 124-137, 1983.

MOURA, C. Estratégia do imobilismo social contra o negro no mercado de trabalho. **Rev. São Paulo em perspectiva**., São Paulo, v. 2, n. 2, p. 44-46, abr./jun. 1988.

MOURA, C. **Dialética radical do Brasil negro**. 2. ed. São Paulo: Fundação Maurício Grabois coedição com Anita Garibaldi, 2014.

NETTO, J. P. "Questão social" elementos para uma concepção crítica. In: BRAZ, M. **Samba, cultura e sociedade**: sambistas e trabalhadores entre a questão social e a questão cultural no Brasil. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. p. 19-30.

RIBEIRO, D. A solidão institucional. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p. 1-5. 01 nov. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/djamila-ribeiro/2019/11/a-solidao-institucional.shtml>> . Acesso em: 05 dez. 2019.

SCHUCMAN, L. V. **Entre o Encardido, o Branco e o Branquíssimo**: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. São Paulo: ANNABLUME editora, 2013.

SOUZA, Cristiane Luíza Sabino de. **Terra, Trabalho e Racismo**: Veias Abertas de Uma Análise Histórico-Estrutural no Brasil. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio Econômico, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Florianópolis, 2019. 265 p.

SOVIK, L. A Branquitude e o Estudo da Mídia Brasileira: algumas anotações a partir de Guerreiro Ramos. In: **Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Salvador/BA: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM, 1 a 5 set. 2002.